

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

ELIS MARIA COGO

“ELAS TAMBÉM NÃO PRECISAM NOS ENTENDER, SÓ OBEDECER”:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER (FEMINISTA)

PATO BRANCO

2015

ELIS COGO

“ELAS TAMBÉM NÃO PRECISAM NOS ENTENDER, SÓ OBEDECER”:

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER (FEMINISTA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado

Orientadora: Prof^a. Dr^a Márcia Andrea dos Santos.

PATO BRANCO

2015



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS


FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **COGO, Elis Maria**

Título: **Elas também não precisam nos entender, só obedecer: a representação da mulher (feminista)**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 30 / 06 / 2015, com

NOTA 90 (.....) pela comissão julgadora:



Prof.ª Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

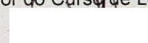

Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora


Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras
Câmpus Pato Branco


Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês


Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer minha mãe que apesar das dificuldades teve uma vida completa e me ensinou muito com suas vivências. Em segundo lugar gostaria de agradecer meu namorado Micael que sempre me apoiou e esteve comigo nas horas difíceis. Gostaria também de agradecer meus queridos amigos Daiane, Heloísa e Jorge por me incentivarem. E por último, mas não menos importante minha orientadora Márcia Andrea que teve uma paciência gigantesca comigo e me ajudou a vencer esse obstáculo interminável.

I am obsessed with becoming a woman comfortable in her skin
(CISNEROS, Sandra, 1996)

RESUMO

COGO, Elis M. “Elas também não precisam nos entender, só obedecer”: A representação da mulher (feminista), 2015, XX F. Monografia – Licenciatura em Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

O objetivo do trabalho é mostrar quais efeitos de sentidos sustentam o imaginário machista em nossa sociedade por meio da análise de corpus. A importância do debate sobre o patriarcado se dá em razão de ser um sistema opressivo às mulheres e somente por meio de discussões e questionamentos poderá haver o rompimento. A coleta do corpus foi visando demonstrar os diferentes tipos de machismo encontrados na página analisada, que são: homem machista, mulher que reproduz o machismo e a ruptura. Os resultados obtidos foram satisfatórios em razão de que evidenciaram a premissa proposta pelo trabalho de que a ideologia patriarcal ainda é maciça em nossa sociedade.

Palavras-chave: Mulher, Identidade, Discurso, Ideologia e Representação.

ABSTRACT

COGO, Elis M. "They do not need to understand us also, just obey": The representation of the woman (feminist), 2015 XX F. Monograph - Degree in Portuguese-English, Federal Technological University of Paraná, Pato Branco, 2015.

The aim of this paper is to show what effects of meanings support the sexist imagery in our society through the corpus of analysis. The importance of the debate on patriarchy occurs due to it being an oppressive system to women and only through discussions and questioning it may be disrupted. The collection of the corpus was aiming to demonstrate the different types of sexism found in the analyzed page, which are: man who is sexist, woman who reproduce sexism, and the rupture. The results obtained were satisfactory because it showed the premise proposed by the paper that patriarchal ideology is still massive in our society.

Keywords: Woman, Identity, Discourse, Ideology and Representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O MOVIMENTO FEMINISTA	14
3. DISCURSO E IDEOLOGIA	19
3.1 Condições de produção e Interdiscurso.....	21
3.2 Paráfrase e Polissemia	22
3.3 Ideologia e Sujeito.....	23
4. IDENTIDADE	30
4.1 A identidade da mulher	33
5. ANÁLISE DO CORPUS	37
6. VISÕES CONCLUSIVAS	54
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Questionava determinados comportamentos em meu campo familiar e social desde minha infância, porém naquela época, e até alguns anos atrás, não sabia exatamente a resposta. Enquanto cursava Licenciatura em Letras descobri um mundo além do meu e comecei a me interessar, questionar e entender questões sociais e políticas. O principal tema que expandiu consideravelmente minha visão foi o feminismo. Com o feminismo consegui responder questões que permeavam minha existência desde criança. Como cresci com dois irmãos, via que o tratamento recebido por eles não era o mesmo que o meu. Via que a liberdade que eles tinham não se estendia a mim, e somente após conhecer e entender o feminismo obtive respostas para essas perguntas.

O feminismo respondeu minhas perguntas do porquê os homens podem fazer certas coisas e nós mulheres não. Por que precisamos nos calar diante de assédio verbal na rua. Por que precisamos temer ao terminar um relacionamento abusivo. Por que precisamos estar sempre lindas, maquiadas e sorridentes. Por que precisamos temer ao andar desacompanhadas à noite. Por que temos maiores qualificações, entretanto ganhamos menos que os homens na mesma área de trabalho. Por que precisamos de leis para nos proteger. Os porquês não têm fim, e encontrei a resposta para todos no feminismo: patriarcado.

Patriarcado, segundo Andrew Heywood (2010) é um conceito usado para descrever a relação de poder entre homens e mulheres. O termo literal significa “governo do pai”, porém ele é usado de uma maneira mais ampla, com significado como “supremacia masculina”, ou seja, sociedade patriarcal é onde o homem é o ser central e é ele quem dita às regras de conduta pessoal e social. De acordo com a historiadora Gerda Lerner, em seu livro *A Criação do Patriarcado* (1986), patriarcado é um sistema que foi estabelecido não por um evento, mas sim por um processo de anos. A autora explica que apesar de não ter havido um evento que marcou o início do patriarcado, há dois motivos maiores que firmam o patriarcado como sistema, que são: A desvalorização da

mulher perante o Divino, e a filosofia de Aristóteles que vê a mulher como um ser humano incompleto.

A cartunista Laerte em recente entrevista expôs que as mulheres ainda continuam lutando pelos mesmos direitos que as sufragistas lutavam desde o sec. XIX, que são, segundo ela “respeito, liberdade, dignidades, direito a uma vida plena, e todos os direitos que podem assistir a qualquer ser humano” (Laerte, 2014)

Para a escritora feminista Andrea Dworkin as mulheres que reproduzem o machismo (diz-se reproduzem porque segundo o pensamento feminista a mulher não pode ser considerada machista, pois ela não se beneficia da opressão machista, ela apenas a reproduz) o fazem porque é um martírio reconhecer sua opressão. Nas palavras de Dworkin: Penso que muitas mulheres resistem ao feminismo porque é uma agonia estar completamente consciente da misoginia brutal que permeia a cultura, a sociedade, e todos os relacionamentos pessoais (DWORKIN, 1976, p.78). De acordo com Dworkin o feminismo é odiado porque as mulheres são odiadas, para a autora o antifeminismo é uma expressão direta de ódio às mulheres.

O feminismo é movido por diferentes discursos, desta forma pode-se dizer que não há apenas um feminismo, mas vários, pois cada mulher, dependendo de sua classe, raça e credo, irá militar pelo "seu" feminismo. Todavia a colunista Djamila Ribeiro defende um feminismo mais unido, um movimento que acolha todas as mulheres e suas respectivas adversidades.

Segundo Djamila Ribeiro:

O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes nesse ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões como racismo, lesbofobia, transmisoginia, urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação e não mais como assuntos secundários (RIBEIRO, 2014).

Compartilho do mesmo pensamento que Djamila Ribeiro dado que nós mulheres precisamos de união se quisermos provocar uma mudança efetiva na sociedade. Há necessidade urgente de mudança e sem sororidade não há como vencermos.

As mulheres conquistaram alguns poucos direitos ao longo dos anos, entre eles o sufrágio feminino, a vida pública, a liberdade sexual por meio da pílula anticoncepcional, a lei Maria da Penha que protege a mulher de seus agressores, entre outros, porque apesar da luta constante, os direitos adquiridos pelas mulheres ainda não se equiparam aos direitos masculinos. E é sobre isso que o trabalho irá tratar. A forma como a mulher é vista na atualidade, suas liberdades e restrições, com o foco no movimento feminista nas redes sociais. E após a análise de postagens feitas na comunidade *Orgulho de Ser Hétero*, na página *Facebook*, alguns questionamentos pertinentes foram realizados, como de o porquê ainda há opressão feminina? Por que apenas uma minoria masculina conseguiu romper o discurso machista? Por que algumas mulheres reproduzem esse discurso? E principalmente, quais efeitos de sentidos e jogos de palavras provocam e sustentam esse imaginário machista?

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender quais os efeitos de sentidos e jogos de palavras provocam ou sustentam o imaginário machista e também os estereótipos femininos e feministas no discurso virtual. Será discutido também se esse discurso livremente disseminado na internet é um discurso que existe apenas ali ou se estende para a “vida real”. Dessa forma acho importante em minha posição de mulher debater sobre o patriarcado e o movimento feminista porque é algo que me afeta diretamente. As mulheres são frequentemente silenciadas em ambiente público e privado, e somente instigando a discussão e o entendimento sobre o que é o patriarcado e sobre o que luta o movimento feminista que haverá desconstrução de discursos e identidades.

Para o social o feminismo é de grande importância porque o feminismo é uma ideologia política que luta em defesa da equidade entre mulheres e homens. O feminismo, ao contrário do que o senso comum possa crer, não é um movimento de ódio aos homens. Feminismo, como define a escritora Bell Hooks (2000) é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Ou seja, não é um movimento contra homens, é um

movimento contra o sistema patriarcal, que é um sistema de opressão feminina.

A importância desse estudo para a área de Letras dá-se não somente no estudo do discurso e da análise do discurso pelo viés francês, mas também, como defende Silva: "... os estudantes deveriam ser estimulados (...) a explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes" (SILVA, 2000, p. 100). Nada mais perspicaz que debater feminismo em um curso da área de humanas para podermos aos poucos desconstruir o sistema patriarcal, hegemônico e heteronormativo que impera em nossa sociedade.

Os procedimentos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram o estudo teórico sobre o patriarcado, mais precisamente a mulher (feminista) vivendo no patriarcado. A partir desses dois conceitos foram desenvolvidos os conceitos de discurso, ideologia, análise do discurso, identidade e representação, para podermos pôr em perspectiva como a sociedade vê a mulher, e em especial a mulher feminista.

O trabalho tem como base a pesquisa qualitativa. Ela presa pelos fatos sociais e se importa com a realidade. A pesquisa qualitativa "tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação" (NEVES, 1996 APUD MAANEN, 1979, p. 520). Ainda de acordo com Neves os métodos da pesquisa qualitativa se assemelham a procedimentos de interpretação que utilizamos para analisar nosso cotidiano.

Orlandi explica que não há neutralidade nem no mais cotidiano discurso e é essa a contribuição da análise de discurso, fazer com que tenhamos uma relação menos ingênua com a linguagem (ORLANDI, 2007, p. 09). A metodologia da análise de discurso se dá da seguinte forma:

Os procedimentos da Análise de Discurso têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, lançando mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um certo grau de operacionalização dos conceitos (ORLANDI, 2007, p. 77)

Para o procedimento de análise do discurso do corpus selecionado foi dividido em três categorias: homens machistas, mulheres que reproduzem o machismo e a mulher/homem ruptura, ou contra-discurso. Em seguida foram retirados pequenos excertos para mostrar cada categoria e como essas se relacionam. O corpus foi retirado da rede social *facebook*, mais especificamente da página *Orgulho de ser Hétero*. Segundo Orlandi, a análise de discurso "[reflete] a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" (Orlandi, 2007, p. 16), dessa forma será discutido nesse trabalho o discurso e sua natureza enunciativa, a ideologia e sua manifestação na língua e no discurso, e por fim a identidade e representação que a ideologia e o discurso nos mostram.

O trabalho se organiza da seguinte forma: na primeira seção denominada *O movimento feminista*, discorro sobre o surgimento do movimento e suas lutas, na segunda seção *Discurso e Ideologia*, trato dos conceitos de teoria do discurso, da análise do discurso, do sujeito e da ideologia, na terceira seção denominada *Identidade*, trato do conceito de formação de identidade e diferença, na quarta seção será feita a apresentação do *corpus* e a análise de seus excertos e finalmente será apresentada uma conclusão com os fatos analisados e compreendidos.

2. O MOVIMENTO FEMINISTA

O vocábulo “feminismo” foi criado na França, entre 1870 e 1880, e a autoria do termo é atribuída a Charles Fourier. Inicialmente feminismo era um termo médico e referia-se a um homem feminino ou uma mulher masculina, entretanto com o passar do tempo, o vocábulo passou a significar a luta das mulheres pelos seus direitos dentro do patriarcado (HEYWOOD, 2010)

Heywood traz um apanhado sobre o feminismo global. O autor diz que o termo político feminismo é uma invenção do século passado e que ficou popular a partir da década de 1960. Heywood classifica o feminismo como uma “nova ideologia” e assegura que as “novas” ideologias (feminismo, ecologismo, fundamentalismo religioso e multiculturalismo), são denominadas assim porque dão importância a questões de debate ideológico que antes não eram notórias. Por conseguinte, surgiram novas perspectivas ideológicas e contestadoras. Ele defende que essas novas ideologias praticam uma “política da diferença”, pois enfatizam a importância do gênero, da localidade, da cultura e da etnia.

Ainda no século XIX, aconteceu o que costuma ser chamado de primeira onda do feminismo. O foco principal era o sufrágio feminino, pois as mulheres acreditavam que com o poder de voto, outros direitos como igualdade de gênero e discriminação política seriam mais fáceis de adquirir. Essas mulheres que lutaram pelo direito ao voto foram chamadas de *suffragettes*, ou em português: *sufrajetes*.

Com a conquista do sufrágio feminino, pela primeira vez na Nova Zelândia, em 1893, nos Estados Unidos da América em 1920, no Reino Unido em 1918, e no Brasil, liderados por Bertha Lutz, em 1933, a primeira onda do feminismo esmoreceu, pois muitas mulheres acreditavam ter conseguido a emancipação que queriam, e acreditavam ter conseguido os direitos exigidos (HEYWOOD, 2010).

A segunda onda do feminismo só iniciou em 1960. A brasileira Céli Pinto diz que a publicação de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949, foi o livro que marcou e iniciou este processo. Ela diz que o livro foi uma espécie de bíblia para as mulheres da nova onda do feminismo e afirma que pela

primeira vez elas falavam em dominação masculina, liberdade e autonomia sobre seu corpo. Ou, de acordo com Heywood, “o objetivo da ‘segunda onda’ do feminismo não era a mera emancipação política, e sim a ‘liberação da mulher’ (...) esse objetivo não podia ser alcançado apenas por meio de reformas políticas ou mudanças na lei; ele exigia, de acordo com as feministas modernas, um processo mais abrangente, e talvez revolucionário, de mudança social” (HEYWOOD, 2010, pag. 23).

O feminismo moderno continua lutando pelos mesmos direitos que lutavam desde seu surgimento, que é essencialmente o fim do sistema patriarcal. O patriarcado, nas palavras de Ruth Bleier (1984):

Por patriarcado, me refiro ao sistema histórico da dominação masculina, um sistema comprometido na manutenção e reforço da hegemonia masculina em todos os aspectos da vida – privilégio e poder pessoal e privado, assim como privilégio e poder público. Suas instituições direcionam e protegem a distribuição de poder e privilégio daqueles que são homens, repartidos, no entanto, de acordo com classe social e econômica e raça. O patriarcado toma diferentes formas e desenvolve específicas instituições de apoio e ideologias durante diferentes períodos históricos e economias políticas (BLEIER, 1984, p. 162 Apud ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate, 1997, p. 13).

Segundo Gerda a Lerner, há duas construções metafóricas que veem desde a fundação dos sistemas simbólicos da civilização Ocidental que tornaram a subordinação da mulher aceita como “natural”, isto é, invisível. Ainda de acordo com Lerner, esses foram os fatores que firmaram o sistema patriarcal como uma realidade e como uma ideologia.

Nas palavras da autora,

No estabelecimento da aliança comunitária, o simbolismo básico e o real contrato entre Deus e a humanidade vê como um dado a posição subordinada feminina e sua exclusão da aliança metafísica e da aliança terrena comunitária. A sua função materna é o seu único acesso a Deus e a toda comunidade. Essa desvalorização simbólica da mulher em relação ao divino se torna uma das metáforas encontradas da civilização Ocidental. A outra é fornecida pela filosofia Aristotélica que vê como um dado que as mulheres são humanas incompletas e danificadas de uma ordem inteiramente diferente dos homens (LERNER, 1986).

Em contramão do sistema patriarcal há o movimento feminista, que consoante Lerner, conhecer o feminismo é indispensável e essencial para a emancipação feminina.

De acordo com Heywood (2010), apesar de o termo feminismo ser recente, as questões feministas já eram discutidas nas antigas civilizações, porém não houve um movimento organizado até o século XIX. O livro *Em defesa dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, e escrito durante a Revolução Francesa, é tido como o primeiro escrito sobre o feminismo moderno, entretanto o movimento só teve notoriedade na década de 1960 com a segunda onda do movimento que foi marcado pela publicação do livro *O segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir.

Beauvoir é a autora da frase mais célebre do feminismo: “Não se nasce mulher, torna-se”. Essa sentença refere-se à construção social de gênero feminino e masculino. Para Beauvoir a divisão binária entre feminino e masculino é construída socialmente, ou seja, o comportamento dito adequado de cada gênero, intrínseco do ser, é naturalizado. De acordo com Heleieth I. B. Saffioti (2001), com o processo de *naturalização* é eliminada a história e são naturalizados os comportamentos femininos, como se todas as mulheres fossem mais fracas que os homens (desta forma precisando deles nas tarefas), predispostas a serviços domésticos, hormonais (esquecendo que homens também possuem hormônios), histéricas, entre outros comportamentos generalizados, ditos serem comportamentos de mulheres. E a autora chama a atenção para o processo de *naturalização*:

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a "superioridade" dos homens. (SAFFIOTI, 2001, p. 11).

Assim entende-se que a sociedade faz uma imposição social na qual são atribuídos papéis e comportamentos sociais como biologicamente determinados. A identidade social da mulher é construída por meio de atribuição de papéis que a sociedade espera ver cumprido, dessa forma, espera-se que a mulher comporta-se de maneira "adequada ao seu gênero"

em cada situação. E o feminismo vem para desconstruir essas imposições sociais e essas identidades ditas naturais. (SAFFIOTI, 2001, p. 15). Finn Mackay defende que homens como um grupo oprimem as mulheres e o feminismo existe para romper com a opressão:

Homens podem acabar com o estupro ao não estuprar, e botar de joelhos a indústria do sexo ao não pagar por sexo. Opressão não simplesmente "acontece" a mulheres como tempo ruim. Homens como um grupo sistematicamente oprimem e exploram mulheres, e o feminismo é o movimento político a desafiar e mudar isso. (MACKAY,)

Para as autoras Rowland e Klein o patriarcado é mantido por meio de vários métodos como: instituições no interior da sociedade, ideologia, força e coerção, controle de recursos e recompensas, políticas de intimidades, e poder pessoal (ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate, 1997, p. 17). Nesse contexto entende-se que patriarcado é um sistema que explora e oprime as mulheres e que o feminismo é um sistema que luta pela liberdade e equidade entre os sexos, isto é, luta pelo fim do sexismo.

Simone de Beauvoir em uma entrevista em 1976 defendeu o seguinte ponto:

Primeiro, as mulheres têm que tomar consciência da dominação. Depois, elas têm de acreditar na própria capacidade de mudar a situação. Aquelas que se beneficiam de sua "colaboração" têm que compreender a natureza de sua "traição". E, finalmente, aquelas que têm mais a perder por tomar posição, isto é, mulheres que, como eu, buscaram uma situação confortável ou uma carreira bem-sucedida, têm que estar dispostas a arriscar sua situação de segurança — mesmo que seja apenas se expondo ao ridículo — para alcançar respeito próprio (GERASSI, 1976.)

O pensamento de Andrea Dworkin citado na introdução vai ao encontro da citação de Beauvoir no sentido de que as mulheres precisam tomar consciência da opressão e fazer a ruptura desse discurso machista e opressor, pois apesar de a mulher não ter o mesmo poder de opressão masculina, ela ainda assim reproduz o machismo para as futuras gerações, não havendo assim a ruptura do sistema.

O feminismo é um movimento feito por mulheres e para as mulheres, ou seja, o protagonismo do movimento é das mulheres. Entretanto segundo

Cristina Buarque (2006) há omissão da mulher como sujeito do feminismo em certos momentos históricos e sociais:

[A] omissão confunde o significado social, político e histórico que o feminismo tem hoje e teve no passado, **pois invisibiliza** a contribuição que as mulheres vêm dando à construção da igualdade. Assim, diante de uma sociedade predominantemente patriarcal, como a brasileira, não haver nomeado as mulheres como o sujeito do feminismo permite a reprodução do homem, também, como sujeito dessa doutrina, desse movimento, dessa teoria. Esta é uma das formas utilizadas pelas autoridades do saber que produz a invisibilidade das mulheres, pois lhes nega a condição de sujeitos. (BUARQUE, 2006, p. 07)

A autora também evidencia a necessidade de fazer questão que a autoria do feminismo seja creditada às mulheres. E exalta como o feminismo enquanto movimento político que propõe a emancipação social, econômica e política das mulheres, declara a desconstrução do patriarcado e coloca a mulher no lugar de sujeito. Ou seja, como o feminismo luta pelo fim das diferenças sociais no público e no privado acarretado pelo sistema patriarcal.

3. DISCURSO E IDEOLOGIA

A todo o momento estamos produzindo discursos, pois segundo a autora Eni Orlandi, discurso é a prática da linguagem. Ela explica que "... a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem". (ORLANDI, 2007, p. 15). A autora se refere à prática da linguagem não no sentido de apenas transmissões de informações, para Orlandi discurso precisa ser visto em funcionamento, relacionando sujeitos e sentidos, que por sua vez são afetados pela história e pela língua, formando um processo complexo de constituição de sujeitos e produção de sentidos (ORLANDI, 2007, p. 21). De acordo com Orlandi o discurso se define como efeito de sentido entre os locutores. Isto é, o discurso faz sentido por que é constituído de um sistema de enunciados possíveis que repousa secretamente em um já-dito. Isso significa que não há no discurso um início aparente, e que "tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar" (FOUCAULT, 2008, p. 28). Conforme explica Orlandi, quando nascemos os discursos já estão em processo e somos nós que adentramos o processo. Os discursos não nascem em nós, eles apenas se realizam em nós em sua materialidade. E segundo a autora é por isso que há sentidos e sujeitos. (ORLANDI, 2007, p. 35-36).

Para Foucault o discurso conceitua-se como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...) (FOUCAULT, 2008, p. 132)

A formação discursiva que Foucault se refere é a possibilidade de encontrar regularidades entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas (FOUCAULT, 2008, p. 43). Em outras palavras, existem várias modalidades de discursos e essas modalidades são caracterizadas por meio de um conjunto de enunciados que se sustentam em uma mesma forma de

pensamento. Contudo o autor informa que não há como dizer qualquer coisa em qualquer hora, é necessário levar em consideração as condições de produção e as condições históricas.

Ainda de acordo com Foucault, o discurso é algo que serve aos interesses do falante, ele “circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2008, p. 119). Dessa forma quem controla o discurso, controla a sociedade, isto é, dita o que é certo e o que é errado, o que é bonito e o que não é, em suma, controla os padrões sociais. E esse controle se dá por meio do saber, pois segundo Foucault, há uma relação estreita entre saber e poder dentro da sociedade. Assim entende-se que a sociedade é ordenada por aquele que tem domínio do saber. (FOUCAULT, 2009).

Para entendermos as relações de poder e saber de uma sociedade específica precisamos estudar seus discursos, pois consoante Orlandi, a linguagem está materializada na ideologia e a ideologia por sua vez se manifesta na língua (ORLANDI, 2007, p. 16):

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que (...) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2007, p. 17).

Orlandi conclui que o discurso é local em que conseguimos observar a relação entre ideologia e língua. Entendendo, logo, “como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17).

Para entendermos o discurso e a língua há alguns conceitos que precisam ser especificados e para isso serão utilizados os conceitos de Análise do Discurso (doravante AD). Segundo Orlandi a AD “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos (ORLANDI, 2007, p. 26)

3.1 Condições de produção e Interdiscurso

Orlandi defende que as condições de produção do discurso dependem da interação de determinados fatores, são eles: relação de sentidos, mecanismo de antecipação e relações de força. Relação de sentidos é a noção de que todos os discursos se relacionam, isto é, não há começo nem fim no discurso, um dizer relaciona outros dizeres já ditos, imaginados ou possíveis. Mecanismo de antecipação é o que regula uma argumentação, que visa os efeitos sobre o interlocutor. Já as relações de força significam “que o lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2007, p. 39). Em outras palavras, dependendo do lugar social de onde o sujeito fala, ele tem mais ou menos valor (significado).

Os três mecanismos de funcionamento do discurso acima citados são chamados de formações imaginárias. Assim, as formações imaginárias “não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 2007, p. 40). São as projeções feitas pelos sujeitos que permitem que as situações empíricas passem para posições de sujeitos no discurso; e essas projeções realizam-se em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva. O que dita o que é material, institucional e o mecanismo imaginário são as condições de produção:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um processo, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processo que ligam discursos e instituições (ORLANDI, 2007, p. 42).

Essas imagens só são entendidas porque há o interdiscurso. O interdiscurso é a memória discursiva, ela faz com que o que seja dito no contexto imediato seja entendido porque já foi dito anteriormente. Nas palavras de Orlandi “memória discursiva [é] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base

do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2007, p. 31)".

O interdiscurso sustenta todos os dizeres e lhe compreender é essencial para compreender o funcionamento do discurso, sua relação com os sujeitos e com a ideologia. O interdiscurso é tudo que já foi dito e esquecido, isto é, para que as palavras façam sentido é preciso que o que foi dito se apague na memória para que as novas palavras façam sentido novamente. No interdiscurso fala uma voz sem nome (COURTINE (1984) Apud ORLANDI, 2007, p. 34).

3.2 Paráfrase e Polissemia

Paráfrase e polissemia são processos que relacionam-se pela tensão. Orlandi explica que enquanto a paráfrase é a matriz do sentido, pois segundo a autora, não há sentido sem repetição e sem sustentação no saber discursivo, a polissemia é a fonte da linguagem porque ela é a condição de existência dos discursos (ORLANDI, 2007, p. 36):

(...) todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todos dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 2007, p. 36).

De acordo com Orlandi é nesse jogo entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o que se vai dizer que os sujeitos e sentidos se significam. "É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa (ORLANDI, 2007, p. 37)".

Segundo Orlandi, na AD distingue-se o que é criatividade do que é produtividade. A produtividade é regida pelo processo parafrástico, ou seja,

produz a variedade do mesmo, já a criatividade “implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua” (ORLANDI, 2007, p. 37).

3.3 Ideologia e Sujeito

A ideologia segundo a AD é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. A constituição se dá por meio do esquecimento na medida que os sujeitos se “esquecem” do que já foi dito para depois se identificarem com o que estão dizendo e se constituírem em sujeitos. Assim o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. (ORLANDI, 2007)

O vocábulo ideologia foi usado pela primeira vez pelo francês Destutt de Tracy, em seu livro *Elementos de Ideologia*. Tracy uniu-se com Pierre Cabanis e Volney para elaborar uma ciência (genética) das ideias, tomando-as como fenômenos naturais que explicam a relação do corpo humano com o meio ambiente. (CHAUI, 1980; ALTHUSSER, 1985). Marx, algum tempo depois, retoma o vocábulo ideologia, porém com novo significado; ideologia, que inicialmente designava uma ciência natural da aquisição das ideias calcadas sobre o próprio real, passa a designar o “sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1985, p. 69).

Um dos traços essenciais da ideologia, de acordo com Marilena Chaui, é “tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas” (CHAUI, 1980, p. 05). Em outras palavras, as ideias que parecem resultar de esforço intelectual, sem relação com a história e o social, são expressões das condições do real, entretanto invertidas e dissimuladas. (CHAUI, 1980, p. 05-06)

A realidade, ou o real, é um movimento temporal que constitui os seres e suas significações. Segundo Chauí, esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens (*sic*) se relacionam com a natureza e entre si, e é a partir dessas relações que compreendemos como os seres agem e pensam de determinadas maneiras, e dessa forma somos capazes de atribuir sentido a tais relações (CHAUI, 1980, p. 08).

As relações entre os seres e a natureza integram as relações sociais como algo produzido pelos próprios seres, ainda que eles não tenham consciência disso. Por essas relações podemos compreender o processo histórico, porém não a história vista como uma sucessão de acontecimentos e sim de que forma indivíduos determinados agem em determinadas condições, criando assim seus meios e suas formas de existência social. (CHAUI, 1980, p. 08)

Na perspectiva da história como *práxis*, ou melhor, onde a ação, o agente da ação, e o produto da ação são intimamente ligados e dependentes, sem possibilidade de separá-los, Chauí defende:

(...) a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens (*sic*), em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas (família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipos de educação, formas de arte, transmissão dos costumes, língua, etc.) (CHAUI, 1980, p. 08).

Segundo Althusser, a existência social é regida por instituições denominadas infraestrutura e a superestrutura. A infraestrutura é a unidade das forças produtivas e das relações de produção. A infraestrutura é a base econômica e é determinada pela luta de classes e capital. Já a superestrutura é dividida em dois níveis: o jurídico-político e a ideologia, ela determina as relações sociais, as instituições políticas e as formações ideológicas.

Althusser explica a relação de infraestrutura e superestrutura como um edifício. A infraestrutura é a base que tem relação direta com a superestrutura que também afeta a base. O autor informa que a metáfora do edifício é usada para melhor entendimento da eficácia e determinação nos andares superiores

da superestrutura pelo que acontece na base econômica (ALTHUSSER, 1985, p. 27). Dessa forma entende-se que infraestrutura dita por meio do capital a superestrutura que assegura as relações de produção do trabalho e as ideologias dominantes, ou seja, a base econômica dita relações sociais, as instituições políticas e as formações ideológicas (WOODWARD, 2000, p. 60). Essas ideologias dominantes são, consoante Althusser, asseguradas pela execução do poder do Estado por meio de seus dois aparelhos: Aparelho (repressivo) de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985, p. 54)

Althusser inicialmente fala sobre o Aparelho de Estado, conceito marxista que acredita que o Estado é uma máquina de repressão que assegura que a classe dominante explore a classe dominada. Segundo Althusser, essa teoria marxista-leninista crê que o aparelho de Estado é que define o Estado como força de execução e intervenção repressiva, que serve a classe dominante. (ALTHUSSER, 1985, p. 32)

De acordo com Althusser, para a teoria marxista, o Aparelho de Estado (doravante AE) corresponde a: Polícia, Exército, Governo, Administração, Tribunais, Prisões, etc. Em sua teoria ele então passa a denominar essas instituições como Aparelho Repressivo de Estado, pois segundo o autor, elas funcionam pela violência. Já os Aparelhos Ideológicos de Estado (doravante AIE) são “realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. (ALTHUSSER, 1958, p. 43)

Para Althusser os AIE são as seguintes instituições: O AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas); O AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares); O AIE familiar; O AIE jurídico; O AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos); O AIE sindical; O AIE da informação (imprensa, rádio, televisão, etc.); O AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.) (ALTHUSSER, 1958, p. 43-44).

De acordo com Stuart Hall (2000), “Althusser procura pensar a relação entre ideologia e outras práticas sociais em termos do conceito de reprodução” (Hall, 2000, p. 171). A função da ideologia “é reproduzir as relações sociais de produção. As relações sociais de produção são necessárias à existência

material de qualquer formação social ou modo de produção” (Hall, 2000, p. 171). Isto é, uma formação social, para sobreviver, precisa reproduzir as condições da produção ao mesmo tempo em que a produz.

Nas palavras de Althusser:

[...] o processo de produção põe em movimento forças produtivas existentes em (...) relações de produção definidas. Donde se segue que, para existir, toda a formação social deve, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, reproduzir as condições da sua produção. Deve pois reproduzir: 1) as forças produtivas, 2) as relações de produção (Althusser, 1980, p. 10-11).

De acordo com Hall, “os elementos ou os agentes de um modo de produção, especialmente no que diz respeito ao fator crítico do trabalho deste, têm que ser continuamente produzidos e reproduzidos” (Hall, 2000, p. 171). Reprodução do trabalho que gera a sujeição do sujeito e ideologia. Hall explica que Althusser entende que a reprodução age por meio do social e do cultural, e se dá por meio dos processos de infraestrutura e superestrutura. (HALL, 2000, p. 171)

Segundo Chauí, não se pode escapar da função social que lhe é imposta. Por meio do que ela denomina alienação, o sujeito é levado a acreditar que sua função social é algo natural e não de ação humana:

A ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos (...). A classe começa, então, a ser representada pelos indivíduos como algo natural (e não histórico), como um fato bruto que os domina, como uma “coisa” onde vivem. A ideologia burguesa (...) transforma em ideia científica ou em objeto científico essa “coisa” denominada “classe social”, estudando-a como um fato e não como resultado da ação dos homens. (Chauí, 1980, p. 30).

Como defende Chauí, a relação de ideologia e alienação faz com que os sujeitos acreditem que são desiguais pelas condições sociais e pela natureza, mas que são iguais perante o Estado e a lei, ocultando que a lei é feita pela classe dominante e o Estado é seu instrumento (Chauí, 1980, p. 31). Para

Althusser o indivíduo está sujeito às ideologias dominantes por meio de sua sujeição ao Estado e seus aparelhos ideológicos. Segundo o autor, o Estado é uma máquina de repressão que permite às classes dominantes assegurar a sua dominação (Althusser, 1985, p. 31).

A ideologia interpela os indivíduos para ocupar suas posições sociais. Segundo Hall, o termo interpelação é usado por Althusser para explicar a maneira como os sujeitos se reconhecem e são recrutados a ocupar posições particulares de sujeito, e como esse processo se dá em um nível inconsciente (Hall, 2000, p 59):

Esse processo de interpelação nomeia e, ao mesmo tempo, posiciona o sujeito que é, assim, reconhecido e produzido por meio de práticas e processos simbólicos. Ocupar uma posição-de-sujeito determinada como, por ex, a de cidadão patriótico, não é uma questão simplesmente de escolha pessoal consciente; somos, na verdade, recrutados para aquela posição ao reconhecê-la por meio de um sistema de representação. O investimento que nela fazemos é, igualmente, um elemento central nesse processo (WOODWARD, 2000, p. 60-61)

Dessa forma, entende-se que a interpelação ocorre por meio de procedimentos simbólicos e se dá no nível do inconsciente. Woodward explica que para Althusser a ideologia é um processo de rituais e práticas institucionais que possui grande função na reprodução das relações sociais. De acordo com a autora, Althusser “concebe as ideologias como sistemas de representação, fazendo uma complexa análise de como os processos ideológicos funcionam e de como os sujeitos são recrutados pelas ideologias, mostrando que a subjetividade pode ser explicada em termos de estruturas e práticas sociais e simbólicas (WOODWARD, 2000, p. 60).

De acordo com Althusser, a ideologia é uma representação da relação imaginária que os sujeitos fazem de suas condições reais de existência. O autor diz que as ideologias (seja ideologia moral, jurídica, política, religiosa...) são “concepções de mundo” e que essas concepções são faladas de um ponto de vista que é em sua maioria imaginário, isto é, não “correspondem à realidade”. Althusser acrescenta que admitindo que as ideologias não correspondem com à realidade e que dessa forma elas constituem uma ilusão

“admitimos que elas se referem à realidade e que basta “interpretá-las” para encontrar, sob a sua representação imaginária do mundo, a realidade mesma desse mundo (ideologia = ilusão/alusão)” (ALTHUSSER, 1985, p. 78). Assim, na ideologia representa-se de maneira imaginária as condições reais de existência.

Hall esclarece que Althusser acredita que as ideologias são sistemas de representação materializados em práticas. Esses sistemas de representação não são únicos, mas sim vários e existem em toda formação social. De acordo com Hall, as ideologias não atuam por meio de ideias isoladas, mas “em cadeias discursivas, agrupamentos, campos semânticos e formações discursivas” (Hall, 2000, p. 180). Isto é, quando se entra em qualquer campo ideológico e se escolhe qualquer ideia ou representação social, estamos instantaneamente acionando uma cadeia inteira de associações de sentidos, e esses sentidos nos levam a outros numa espiral de representações ideológicas (HALL, 2000, p. 181).

Woodward diz que para compreender os sistemas de representação precisa-se compreender as posições-de-sujeito que são produzidas e como os sujeitos se posicionam dentro desses sistemas:

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (...). Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

A autora explica que por meio do processo de interpelação somos nomeados e ao mesmo tempo posicionados como sujeitos que se reconhecem e se produzem por meio de práticas e processos simbólicos. Segundo Woodward ocupar uma posição-de-sujeito determinada não é apenas escolha pessoal consciente, mas sim que somos recrutados para aquela posição ao reconhecê-la por meio de um sistema de representação. (WOODWARD, 2000, 60). Ou seja, a representação funciona quando podemos nos identificar ou

identificar o outro. A identificação é um “processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2000, 18).

Segundo Woodward, a representação têm poder sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. A cultura, as relações sociais e econômicas moldam as identidades e tem o poder de definir quem é aceito e quem é excluído. Hall acrescenta que as identidades “são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora "sabendo" (...), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma "falta", ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas - aos processos de sujeito que são nelas investidos" (Hall, 2000, p. 112). Ou seja, a representação não se assemelha a identidade “real” do sujeito. Representação é um processo simbólico que faz com que, em determinadas situações, assumamos posições-de-sujeito que achamos nos encaixar ou que são determinadas a nós por uma variedade de relações sociais.

4. IDENTIDADE

De acordo com Stuart Hall a identidade é o ponto de encontro entre as práticas discursivas e a interpelação do indivíduo em sujeito:

Utilizo o termo "identidade" para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos "interpelar", nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeito aos quais se pode "falar". As identidades são, pois, pontos de apego temporário à posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 1995 Apud Hall 2000, p. 112).

Segundo o autor Tomaz Tadeu da Silva (2000), o conceito de identidade, à primeira vista, é positivo e de fácil conceituação. Identidade é aquilo que você é. Nessa percepção, identidade é referência de si própria, é autossuficiente. Silva (2000), complementa que, em oposição à identidade, há a diferença, e esta diferença é vista como uma entidade independente, e, neste caso, visto como aquilo que o outro é. Assim, identidade e diferença são vistas como auto-referenciadas, que remetem a si mesmas, como se elas simplesmente existissem. (SILVA, 2000, p. 74)

Seguindo essa ideia, o autor afirma que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência, porém não se percebe porque a afirmação da identidade costuma esconder essa relação. Ele utiliza-se do exemplo "sou brasileiro", explicando que quando se diz isso, há impressão que a expressão esgota-se em si mesma, porém essa sentença somente faz sentido porque existem outros que não são brasileiros. O autor acrescenta: "A afirmação "sou brasileiro", na verdade, é parte de uma extensa cadeia de 'negações', de expressões negativas de identidade, de diferenças." (SILVA, 2008, p. 75). Isto é, quando o sujeito se diz brasileiro ele também está negando outras nacionalidades, e ele só precisa se afirmar como brasileiro porque existem outras nacionalidades para negar.

Com base no pensamento de Silva, que a identidade é construída na diferença, encontra-se em Hall (2000) a seguinte afirmação:

(...) as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado "positivo" de qualquer termo - e, assim, sua "identidade" - pode ser construído" (Derrida, 1981; Laclau 1990; Butler, 1993 Apud Hall 2000, p. 110).

Dessa forma, segundo a afirmação de Hall, a identidade é construída naquilo que lhe falta, na relação com o outro; porém a identidade precisa daquilo que lhe falta, mesmo que o que lhe falte seja um outro silenciado e inarticulado (Hall, 2000, p. 110).

A relação estreita entre identidade e diferença pode gerar um problema, pois a diferença é sustentada pela exclusão. Hall explica:

(...) Se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois polos resultantes - homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido - em oposição à essencialidade do primeiro - à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a "ser humano". "Mulher" e "negro" são, assim, "marcas" (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não-marcados "homem" e "branco" (LACLAU, 1990 Apud HALL, 2000, p 110).

Segundo Silva, na disputa por identidade está envolvida uma disputa maior, que é a disputa por recursos materiais e simbólicos. A afirmação da identidade e a exclusão da diferença marca a disputa dos diversos grupos sociais pelos bens sociais. O autor afirma que há um estreito vínculo entre a identidade e diferença com a relação de poder (SILVA, 2000, p. 82).

Para Kathryn Woodward a identidade não é o oposto da diferença e sim sua dependente. Segundo a autora, as formas de diferença (simbólica e social) são estabelecidas por sistemas classificatórios. O sistema classificatório emprega um sistema de diferença a uma população de um modo que a divida em ao menos dois grupos (WOODWARD, 2000, p. 40):

O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é

excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são "vivas" nas relações sociais" (WOODWARD, 2000, p.14).

Segundo a antropóloga Mary Douglas, "a marcação da diferença é a base da cultura porque as coisas - e as pessoas - ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um *sistema classificatório*" (Hall, 1997 Apud WOODWARD, 2000, p. 39). A identidade e a diferença só podem ser compreendidas dentro dos sistemas de significação pois são produtos da cultura e dos sistemas simbólicos, e não da natureza.

A cultura na condição de ritual, símbolo e classificação é fundamental na produção do significado e da reprodução das relações sociais. A classificação simbólica tem uma estreita relação com a ordem social (DU GAY, HALL et alii, 1997 Apud WOODWARD, 2000, p. 42). Assim, entende-se que os sistemas culturais de classificação têm o objetivo de criar a ordem:

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por "cultura" (WOODWARD, 2000, p. 41).

Segundo Woodward, os rituais culturais se estendem a todos os aspectos dos sujeitos, determinando tudo o que é feito, desde a fala até a forma de consumir a comida. A autora completa que a ordem social é mantida por meio de distinções binárias, e que a "classificação simbólica está, assim, intimamente relacionada à ordem social" (WOODWARD, 2000, p. 46).

Com a multiplicação dos sistemas de classificação e representação cultural, as identidades são também confrontadas por inúmeras identidades possíveis. Hall explica que a identidade unificada, coerente e completa é uma fantasia (HALL, 2000, p. 13):

(...) as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao

longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação" (Hall, 2000, p. 108).

De acordo com Hall a identidade se torna uma "celebração móvel", pois ela se modifica constantemente em relação às formas pelas quais é representada ou interpelada nos sistemas culturais que a rodeiam (HALL, 2000, p. 13). Hall ainda defende que nenhuma identidade pode ordenar todas as diferentes identidades em uma única identidade abrangente (HALL, 2000, p. 13):

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (Mercer, 1990, Apud Hall, 2000, p. 21).

Segundo Hall, apesar de o sujeito estar partido ou dividido "ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida", ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada" (HALL, 2000, p. 38). Em outras palavras, o sujeito tem uma identidade fragmentada e é interpelado de acordo com as produções sociais e culturais em que vive.

4.1 A identidade da mulher

De acordo com Hall, a identidade se sustenta somente por meio da diferença e da repressão daquilo que lhe ameaça. A identidade é binária, ela é constituída no ato de excluir e reduzir sempre um polo peculiar. Segundo Hall, na divisão binária de gênero mulher/homem, o polo reduzido e excluído é a mulher (HALL, 2000, p. 110). Consoante Hélène Cixous, isso acontece porque as mulheres são associadas com a natureza, o coração e as emoções, enquanto os homens são associados com a cultura, a cabeça e a racionalidade (CIXOUS Apud WOODWARD, 2000, p. 52).

Para a escritora Simone de Beauvoir, a mulher é pensada sempre como o Outro, o incompleto, aquilo que os homens não são. Como explica Judith Butler (BUTLER, 2003, p.23):

Em oposição a Beauvoir, para quem as mulheres são designadas como o Outro, Irigaray argumenta que tanto o sujeito como Outro são esteios de uma economia significativa falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino. Para Beauvoir, as mulheres são o negativo dos homens, a falta em confronto com a qual a identidade masculina se diferencia; para Irigaray, essa dialética particular constitui um sistema que exclui uma economia significativa inteiramente diferente.

Ou seja, a identidade feminina é formada no jogo de exclusão da identidade masculina. Segundo Cixous não se trata somente do fato que a identidade é construída em oposições binárias, mas sim, que sempre um dos termos será valorizado mais que o outro, “um é a norma e o outro é o “outro” - visto como “desviante ou de fora”” (CIXOUS Apud WOODWARD, 2000, p. 51).

Como visto anteriormente, a infraestrutura ou base econômica dita à superestrutura e molda as posições-de-sujeito de acordo com a luta das classes. Woodward busca um contraponto em Laclau que defende que a luta de classes é inevitável, porém a emancipação social não está mais nas mãos de apenas uma classe. A autora explica que isso é positivo porque o deslocamento indica que “há muitos diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar” (Laclau, 1990, p. 40 Apud WOODWARD, 2000, p. 29). Woodward defende que as vantagens do deslocamento da classe social podem ser vistas pela diminuição da importância das afiliações sustentadas na classe e o surgimento de outras áreas de conflito social, como por exemplo, as firmadas no gênero, raça, etnia ou sexualidade (WOODWARD, 2000, p. 29):

As identidades baseadas na “raça”, no gênero, na sexualidade e na incapacidade física, por exemplo, atravessam o pertencimento de classe. O reconhecimento da complexidade das divisões sociais pela política de identidade, na qual “raça”, a étnica e o gênero são centrais, tem chamado a atenção para outras divisões sociais, sugerindo que não é mais suficiente argumentar que as identidades podem ser deduzidas da posição de classe (especialmente quando essa própria posição de classe está mudando) ou que as formas pelas quais elas são representadas têm pouco impacto sobre a definição (WOODWARD, 2000, p. 36).

Woodward esclarece que os novos movimentos sociais enfatizam as identidades fluidas. As mulheres negras, por exemplo, lutam dentro o movimento feminista, “resistindo, assim, aos pressupostos de um movimento de mulheres baseado na categoria unificada de "mulher" que, implicitamente, inclui apenas as mulheres brancas” (Aziz, 1992 Apud WOODWARD, 2000, p.63).

O movimento feminista, de acordo com Woodward, assinala “as limitações de uma perspectiva sobre a produção da identidade de gênero que afirma o privilegiamento masculino no interior da ordem simbólica, na qual o phallus é o significante-chave do processo de significação (...) o phallus corresponde ao pênis, na medida em que significa a "lei do pai" e não da mãe. (...) as mulheres entram na ordem simbólica de forma negativa - isto é, como "não-homens" e não como "mulheres". Mesmo que o sujeito unificado tenha sido abalado pela teoria psicanalítica, parece também verdade que as mulheres não são, nunca, plenamente aceitas ou incluídas como sujeitos falantes" (WOODWARD, 2000, p. 66). Em outras palavras, a mulher é vista sempre como o “outro”, aquele que é composto na falta, um ser incompleto.

Chauí explica que os movimentos feministas lutam contra o poder burguês porque é um poder essencialmente masculino que discrimina de muitas formas as mulheres. Nas palavras da autora:

Muitos movimentos feministas lutam contra o poder burguês porque ele é fundamentalmente um poder masculino que discrimina social, econômica, política e culturalmente as mulheres. É considerado um poder patriarcal, isto é, fundado na autoridade do Pai (chefe de família, chefe de seção, chefe de escola, chefe de hospital, chefe de Estado, etc.). E um poder que legitima a submissão das mulheres aos homens tanto pela afirmação da inferioridade feminina (fraqueza física e intelectual) quanto pela divisão de papéis sociais a partir de atividades sexuais (feminilidade como sinônimo de maternidade e domesticidade) (CHAUI, 1980, p. 43).

Chauí segue colocando que os movimentos feministas vão defender que as mulheres não devem de submeter à ideologia do patriarcado e que devem defender a liberdade do uso de seu corpo, porque este é propriedade delas e não dos homens (CHAUI, 1980, p. 43).

Finalmente entende-se que a luta feminista é a luta pela emancipação da mulher e por uma identidade completa em si mesma.

5. ANÁLISE DO CORPUS

Esta seção visa apresentar e analisar os excertos retirados da página do *Facebook Orgulho de ser Hétero*¹.

O discurso virtual muito presente em nossa sociedade moderna é um discurso concreto, pois apesar de ser em uma plataforma social diferente, continua sendo um discurso que tem base no real e relaciona sujeitos e sentidos. O discurso, independente de ser virtual ou não, é constituído por enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva. Assim quando um discurso é proferido, somente faz sentido porque há uma cadeia de discursos que o ampara, ou seja, o interdiscurso, que é a memória discursiva, faz com que cada enunciação repouse em um já-dito e assim se signifique. A formação discursiva, por sua vez, é a regularidade entre enunciados. Em outras palavras, formação discursiva é quando várias modalidades de discursos possuem as mesmas características (Foucault, 2008).

Segundo Foucault o discurso serve ao interesse dos falantes; e quem controla o discurso controla a sociedade e seus padrões.

Já a organização social, de acordo com Althusser (1985), se dá pela luta das classes e pela tensão entre infraestrutura e superestrutura, à medida que a base econômica dita as relações sociais na superestrutura. Em contraponto, Woodward (2000) esclarece que com o desenvolvimento da sociedade, as relações na superestrutura à infraestrutura foram se modificando e novas ideologias instalaram-se fazendo com que as identidades fossem se fragmentando e se tornando múltiplas (Hall, 2006). Dessa forma a sociedade não se estabelece mais apenas pela luta de classes, mas sim por uma multiplicidade de identidades.

Todavia a divisão binária ainda detém grande força na organização das relações sociais. Seja na identidade construída na exclusão da diferença, seja na naturalização de comportamentos determinados.

¹ <https://pt-br.facebook.com/OrgulhoHeteroBR>

A análise dos excertos será pelo viés de análise do discurso francesa, seguindo as bases dadas por Orlandi em *Análise de Discurso* (2007). Os procedimentos iniciais de análise se dão por meio da construção do *corpus* já visando suas propriedades discursivas. De acordo com Orlandi, “a análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza” (ORLANDI, 2007, p. 64).

Dessa forma urge-se lembrar que o objetivo da coleta e análise do *corpus* é explorar o imaginário machista sustentado pela sociedade patriarcal e entender quais efeitos de sentidos provocam e sustentam este imaginário.

Alguns excertos serão gráficos, porém o intuito é mostrar como assuntos tão importantes são tratados com tamanha banalidade. Segundo Orlandi, se esses discursos de ódio estão sendo abertamente divididos significa que há entendimento e apoio a isso, pois a paráfrase é um forte instrumento que faz com que os discursos sejam repetidos e sustentados no saber discursivo.

A página em que foram retirados os excertos se chama *Orgulho de ser Hétero*. *Orgulho* é conceituado da seguinte forma no dicionário Priberam² online: *or·gu·lho* - substantivo masculino 1. *Manifestação do alto apreço ou conceito em que alguém se tem.* 2. *Soberba ridícula.* 3. *Brio.* Ou seja, por ter orgulho de ser hétero, entende-se como uma categoria predominante em nossa sociedade, pertencente à maioria, o que para eles é motivo de orgulho.

Antes de analisar os excertos, é de grande importância indagar sobre o nome da página: *Orgulho de ser hétero*. Vê-se claramente o paralelo entre o *Orgulho Gay*, que é uma forma de celebrar uma minoria marginalizada. Porém ser hétero não é ser minoria, não é ser segregado. A página *Orgulho de ser hétero* celebra a heteronormatividade e quem não se encaixa nesse grupo é tomado como o aquele que é vergonhoso, logo se tenho orgulho de ser hétero, há não ditos neste posto como: é vergonhoso não ser hétero, ser hétero é o correto.

Como defende a escritora feminista Monique Wittig:

² <http://www.priberam.pt/dlpo/>

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade (...). Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto de parte como elementar (...). Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais (WITTIG, 1992)

Analisando os excertos recolhidos, foram observadas três categorias distintas: o homem machista, a mulher que reproduz o machismo, e por fim, a ruptura. O homem machista é aquele que ainda não fez a ruptura e continua parafraseando a sociedade patriarcal em que vive. É o homem que não tem consciência de seus privilégios dentro da sociedade patriarcal e acredita que todos têm as mesmas chances.

A segunda categoria é a mulher que reproduz as opiniões opressivas masculinas. Essa é a mulher que não tem consciência da opressão vivida e a reproduz para com suas companheiras mulheres. Como explica Simone de Beauvoir “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”. Porém não é certo considerar as mulheres com o mesmo potencial de machismo e opressão de gênero que os homens, pois apesar de algumas mulheres reproduzirem o machismo, elas não se beneficiam dele, dessa forma não há um mesmo nível de poder de opressão, porém há ainda assim a reprodução.

A terceira categoria é a ruptura. Ruptura são os discursos que vão de encontro com o pensamento sexista patriarcal. É o contradiscurso, aquele discurso que rompe com o pensamento vigente.

A análise será feita da seguinte maneira: cada imagem observada sugere comentários que os internautas fazem a seu respeito. Espera-se que as imagens selecionadas para este estudo e os excertos analisados auxiliem-nos a perceber a construção dos significados materializados linguisticamente.

Porém, primeiramente precisa-se lembrar que os sujeitos reproduzem os modelos da sociedade em que vivem. A linguagem, os comportamentos e os discursos constituem a consciência coletiva, assim os sujeitos pensam da

forma que a sociedade ensina a pensar. O excerto a seguir é um exemplo de um processo discursivo baseado na ideologia machista.

Comecemos por analisar a seguinte imagem:



Imagem 1 – O que as mulheres querem?



Imagem 2 – Respostas ao O que as mulheres querem?

Nos comentários à tira, a frase “foda-se o que elas querem” apresenta-se uma negação à indagação, “Mas o que as mulheres querem?”, afirmando-se com a expressão que carrega o pressuposto as mulheres querem algo. Para este internauta que tem a representação de mulher como objeto, elas não podem querer nada mais do que sexo. Para ele esse é o papel da mulher, servir para seu prazer. Não importa os interesses femininos, o que importa é sua realização pessoal e sexual, isto é, é uma paráfrase patriarcal, visto que o discurso de reificação feminina é repetido e sustentado no saber discursivo do patriarcado. As condições de produção do dizer aqui se sustentam por meio da relação de sentidos e condição histórica, dado que esse dizer se relaciona com várias outras de coisificação feminina e quando dito pelo internauta na página, houve entendimento e sustentação de significado.

De acordo com Foucault (2008), o discurso proferido por determinado sujeito só fará sentido se houver uma cadeia de discursos amparando este discurso proferido por ele. Isso se chama interdiscurso, uma ferramenta que faz com que tudo que seja dito seja entendido, pois repousa em um já-dito.

Assim, conclui-se que no momento da enunciação de um dizer machista, há um já-dito, toda uma sociedade patriarcal que apoia esse discurso e o legitima. O locutor está apenas parafraseando.

No segundo excerto também há vestígios de reificação da mulher:



Imagem 3 – As mulheres se odeiam

A frase publicada pela página diz o seguinte: “As mulheres se entendem e se odeiam, por isso não quero entendê-las”. Há um pressuposto em nossa sociedade de que as mulheres não gostam de si mesmas ou de outras mulheres, o que em certo nível é real. A internalização da misoginia faz com que as mulheres acreditem que precisam competir umas com as outras. Segundo Madison Mignola (2014) esse ódio se perpetua porque diariamente vê-se em todo e qualquer campo midiático um ideal de mulher perfeita, fazendo assim com que as mulheres internalizem um senso de competição e busquem alcançar patamares inalcançáveis e nesse processo tentem desmerecer suas semelhantes. São mulheres que ainda não fizeram o processo de ruptura, e como defende Audre Lorde (1981), são mulheres que estão tão enamoradas com suas opressões que não conseguem ver a marca de seus saltos impressos no rosto de outra mulher.

O que está não-dito na frase é que as mulheres se odeiam porque se entendem. Porém, conforme defende Althusser (1985), a ideologia interpela o sujeito para ocupar suas posições sociais, e este sujeito, por sua vez, está

assujeitado às ideologias dominantes. Dessa forma, conforme explica Lerner (1986), o estabelecimento do sistema patriarcal como ideologia dominante fez com que as mulheres fossem interpeladas a ocupar os lugares ditos femininos pelo sistema. Por consequência, as mulheres dentro das formações imaginárias patriarcais passam a parafrasear as ideologias que as interpelaram.

Seguindo para o primeiro dizer sobre a postagem temos o seguinte comentário: “Só quero comê-las”. O verbo comer significa no dicionário Priberam *online*: *co·mer* [ê] - *Conjugar (latim comedo, -ere) Verbo transitivo - 1. Mastigar e engolir.2. Dissipar.3. Lograr. 4. Defraudar, enganar.5. Gastar. Verbo transitivo e pronominal 6. [Informal] Ter relações sexuais com. (...)*. Esse significado liga-se à metáfora de comer um alimento, ou seja, um objeto, quando na verdade o internauta utiliza o verbo comer como sinônimo de sexo. Aqui se vê claramente a reificação da mulher, visto que para o sujeito discursivo mulher também é sinônimo de sexo. A formação imaginária aqui feita de mulher pelo internauta é de um alimento feito para matar sua fome e findo.

Conforme explica Orlandi, necessita-se também ver o não-dito nos dizeres analisados. E o que se nota nos dois excertos já analisados? A reificação feminina. Dessa forma deduz-se que vêm de uma mesma formação discursiva baseada na regularidade do discurso da coisificação da mulher. O que está subentendido aqui, e conforme defende Saffioti, é que a mulher é vista como ser humano somente quando possui uma relação de parentesco com o falante, do contrário ela é vista como um objeto para os olhares masculinos.

O segundo dizer e também título deste trabalho “Elas também não precisam nos entender, só obedecer” traz toda uma formação imaginária de mulher submissa. O verbo obedecer nesta frase é um processo parafrástico do patriarcado e foi utilizado como sinônimo de submissão feminina. O imaginário patriarcal vê a mulher como um ser inferior, por meio de um processo que Saffioti chama de naturalização, a sociedade desconsidera os processos

históricos e naturaliza os comportamentos femininos que na verdade são construções sociais para então legitimar a superioridade masculina.

A obediência feminina talvez seja o ápice do imaginário patriarcal. Conforme explica Orlandi, o imaginário “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um processo, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processo que ligam discursos e instituições” (ORLANDI, 2007, p. 42). Se o imaginário se dá por relações de poder, e conforme Hall estabeleceu que na formação binária da identidade de gênero o polo reduzido é o feminino, conclui-se que o polo que mantém o poder, o masculino, irá evidentemente oprimir o polo excluído.

Assim, conclui-se que a formação discursiva aqui representada vem de uma ideologia patriarcal que interpela o sujeito a acreditar que a mulher é um ser inferior e dessa forma precisa ser tratada como.

A imagem em seguida demonstra a reprodução do pensamento machista por mulheres:



Imagem 4 - Mariana

O desenho de Mariana foi originalmente feito por Carol Rossetti e celebra o corpo feminino da forma como ele é. A frase original da imagem é: “Tatiana tem celulite, e às vezes tem vergonha do seu corpo. Tatiana, algo tão natural e inofensivo não deveria ser motivo de vergonha”³. Na versão da página Orgulho de ser Hétero tem-se a seguinte frase: "Mariana é gordinha, tem celulites e quer ser aceita como ela é... por um homem alto, bonito e sarado". Aqui nota-se a representação positiva do homem “alto, bonito e sarado” como uma representação positiva do corpo masculino e que este não seria para as mulheres com características descritas pela página. Como a ideologia é o sistema de representação materializado na prática, e em um contexto social-histórico de patriarcado, conclui-se que a representação masculina foi positiva e a feminina negativa devido ao fato que a formação imaginária de mulher no sistema patriarcal por meio de sistemas midiáticos é de perfeição, e quando ela

³ Fonte – <http://www.carolrossetti.com.br/#!gallery/cbad>

não se encaixa nas categorias de beleza prescritas, ela passa a ter uma representação negativa.

O comentário único da imagem quatro “Sou mulher e não consigo entender essas feministas” encaixa-se na segunda categoria aqui discutida, que é a mulher que reproduz o machismo. Pode-se ver aqui o que Chaui (1980) chama de alienação. Por meio da relação da alienação e da ideologia o sujeito é levado a acreditar que sua posição social é natural e não de ação humana. Ou seja, a ideologia atuante interpela o sujeito a ocupar um lugar dentro dessa sociedade enquanto a alienação mascara esse processo como inerente. Assim entende-se a mulher que reproduz o machismo é interpelada pela ideologia patriarcal para ocupar um lugar no qual a alienação faz com que não sejam percebidas as condições sociais de opressão em que vive.

Segundo Beauvoir (1976) o primeiro passo da ruptura do patriarcado é a tomada de consciência da dominação masculina pelas mulheres e o segundo é acreditar em sua capacidade de mudança. Já para a escritora feminista Dworkin (1976) a resistência das mulheres ao feminismo se dá porque é uma agonia ter consciência da misoginia que permeia e cultura, a sociedade e todos os relacionamentos pessoais. Para a autora o antifeminismo é uma expressão direta de ódio às mulheres (DWORKIN, 1976, p.78). Já o feminismo é uma ideologia que trabalha com o processo de criatividade, pois rompe o processo de produção de linguagem, desloca as regras e faz intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e a língua (ORLANDI, 2007, p. 37).

As imagens a seguir ficarão em sequência para melhor compreensão da tirinha e dos comentários. A primeira é a tirinha integral encontrada no *blog* da página Orgulho de ser Hétero⁴, enquanto as outras duas seguintes foram retiradas do *Facebook* da página com os respectivos excertos para análise.

⁴ <http://orgulhohetero.blog.br/>



Imagem 5 – Como são as feministas



Imagem 6 – Como são as feministas II



Imagem 7 – Como são as feministas III

Na primeira imagem há uma mulher com a feição de tristonha e um homem sorridente caminhando; quando o homem avista a mulher ele pergunta “E aí! Como vai?”, a mulher com a feição mais triste responde “Hum... hunf” e ele pergunta “O tempo tá bom hoje, né?” e ela responde “É... tá...” e enquanto ele se distancia sorridente a mulher está chorando. Nos dois quadrinhos finais é a mulher com feição enraivecida e postando a seguinte frase: “NÃO IGNORE MEUS SENTIMENTOS! PQP! hoje um cara quase me estuprou! tava escrito na cara dele o que ele queria fazer comigo! falou absurdos pra mim só porque passei perto dele! e olha que eu nem sequer olhei nos olhos dele! RIDÍCULO! Vontade de matar aquele filho da puta! ODEIO HOMENS! ODEIO!”.

Inicialmente faz-se necessário analisar o quadrinho denominado “Como são as feministas” postado pela página. A formação imaginária feita da mulher feminista na tirinha projeta-a como uma mulher desgostosa que abomina homem. O processo parafrástico que o sistema patriarcal faz por meio das

massas midiáticas é uma representação de mulher, que segundo Saffioti, é perfeita e se encaixa em todas as situações ditas certas pela ideologia regente. Quando a mulher não se comporta dentro dos padrões femininos ditos aceitáveis então ela é vista como pária:

Quando um homem reclama que 'mulheres são complicadas' ele está querendo dizer 'mulheres não são nem um pouco iguais ao arquétipo estereotipado sobre todas as mulheres que eu formei na minha cabeça e eu descobri que toda mulher é um indivíduo e elas não vêm com um manual de instruções e isso me confunde. Eu tenho realmente que vê-las e interagir com elas como se elas fossem seres humanos?' (Desconhecido)

A identidade da mulher é fragmentada e não completa. Dessa forma quando ela se assume feminista, ela não está negando sua identidade de mulher, mas sim que foi confrontada e interpelada pelas ideologias feministas e se reconheceu nelas.

As imagens seguidas do quadrinho mostram as filiações de sentidos e compromisso desses com a memória do machismo. O foco será sobre quais efeitos de sentido sustentam a representação de que mulher feminista é sinônimo de mulher sem homem ou sem sexo.

Segue os transcritos:

“A prova de que Feministas são somente mulheres mal comidas é aquela loirinha que saiu do FEMEM depois de conhecer um cara que possivelmente deve ter dado um trato nela!”;

1. “Comportamento clássico de mulher mal comida. Na verdade, tava era doida pra levar uma roçada!”;
2. “Feminismo = Falta de Homem, sem mais”

2.1 Resposta: feminista eh uma coisa, agora mulher louca e mal comida que se diz feminista eh outra

Segundo Orlandi os efeitos de sentido entre os falantes é que definem o discurso. Isto é, o discurso faz sentido porque é constituído de um sistema de enunciados possíveis que repousam secretamente em um já-dito. Isso quer dizer que todo discurso se encontra articulado em um meio-silêncio que lhe é

prévio, que segue a correr insistentemente sob ele, mas que o sujeito recobre e faz calar (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Na fala “comportamento clássico de mulher mal comida”, há distinção entre a mulher que é bem comida, que provavelmente não teria esse comportamento. Representação da mulher feminista ligada novamente à questão sexual. Aquela que não “gosta” ou para a qual “falta” sexo. A mulher não tem vontades ou direitos que sejam maiores que o seu papel sexual na sociedade. Os efeitos de sentido aqui repousam em um já-dito de que mulher no sistema patriarcal é vista somente como meio de reprodução. Segundo Chauí o sistema patriarcal é um “poder que legitima a submissão das mulheres aos homens tanto pela afirmação da inferioridade feminina (fraqueza física e intelectual) quanto pela divisão de papéis sociais a partir de atividades sexuais (feminilidade como sinônimo de maternidade e domesticidade)” (CHAUI, 1980, p. 43).

A representação de mulher feminista como aquela que não “gosta” ou “falta” sexo vem de formações discursivas baseadas na regularidade do discurso machista. O que se subentende aqui é que mulher que recebe e gosta de sexo não é feminista e sim uma mulher “de verdade”.

Os efeitos de sentido que trazem os dizeres de que mulher é feminista porque lhe falta homem ou não tem relações sexuais satisfatórias vem do imaginário patriarcal, como expôs Orlandi, de que a mulher é inferior e que seu papel é ser dona de casa e reprodutora. Assim quando a mulher não se encaixa ou questiona os papéis sociais impostos a ela, ela é vista como algo que precisa de reparo.

A ideologia para Althusser são concepções de mundo e essas concepções são expressas de um ponto de vista que é em sua maioria imaginário, ou seja, não corresponde com a realidade. O autor explica que admitindo que as ideologias não correspondam ao real conclui-se que elas constituem uma ilusão. Isto é, a ideologia é uma representação da relação imaginária que os sujeitos fazem de suas condições reais de existência.

Se o imaginário é eficaz, conforme diz Orlandi, e ele se inscreve na história pelas suas relações de poder, pode-se concluir que a sociedade patriarcal dominante representa a mulher com base em seu posicionamento. Assim a mulher “verdadeira” é aquela que aspira ser uma companheira ao homem, já a mulher feminista é a mulher que precisa ser consertada.

As rupturas constatadas e analisadas aqui são processos de uma memória constituída pelo esquecimento, dado que, segundo Orlandi, é o que torna possível o diferente, o rompimento.

Ruptura é um discurso que vem de encontro com o discurso vigente. Por meio do processo polissêmico, que é um processo que faz o deslocamento dos processos de significação, temos a ruptura. A ruptura joga com o diferente, com o equívoco.

Dessa forma entende-se que o discurso feminista, ou a defesa a mulher ou ao discurso feminista é um processo polissêmico dado que ele é uma tentativa de rompimento do discurso vigente.

Os excertos abaixo são tentativas de deslocamento do imaginário machista e são relacionados à imagem de “Como são as feministas”:

1. “Não é bem assim. O feminismo não é desse jeito! Uma feminista faz coisas do tipo que "só os homens fazem", coisas rotulados pela sociedade, como por exemplo: Pagar a conta, chamar pra sair, dar em cima do cara... essa tirinha é uma Hipérbole que não condiz a teoria”.

2. “Argumento masculino-burro de porque as mulheres são feministas: Falta de rola... Taserto!!! Tão sabendo legal (...)”

3. “Orgulho de ser hétero= burrice e escrotidão, sem mais”;

Nos excertos acima nota-se como tentam refutar os dizeres machistas encontrados na imagem. Isso é a tensão entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente. Entre o discurso dominante e o contradiscurso.

De acordo com Moita Lopes, no processo de construção das identidades oprimidas, essas identidades precisam aprender sobre o que podem falar, com quem, e sobre o que. Isto posto, o autor explica que essas identidades

precisam aprender “a resistir a práticas discursivas que cassam sua voz, através da formulação do contradiscurso” (MOITA LOPES, 2002, p.204).

No excerto “Argumento masculino-burro de porque as mulheres são feministas: Falta de rola” vê-se a relação com os discursos proferidos nos excertos anteriores, e segundo Orlandi, essa relação faz sentido porque não há discurso que não se relacione com o outro, ou seja, um discurso aponta para outros que o sustentam.

Assim, há o jogo entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o que se vai dizer e deste modo os sentidos e os sujeitos se significam.

Segundo Orlandi:

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, significa (ORLANDI, 2007, p. 37).

Outro exemplo de ruptura encontrada na página é em relação à imagem abaixo:



Imagem 8 – Seja uma mulher e não uma piranha

Na imagem tem-se a seguinte frase: “QUER UM HOMEM E NÃO UM MOLEQUE? SEJA UMA MULHER E NÃO UMA PIRANHA!”.

O dizer aqui remete novamente à vida sexual feminina. A ideologia machista estabelece um imaginário de mulher que precisa respeitar os padrões de castidade imposta a ela, então se tem aqui um não-dito que mulher que tem relações sexuais não é digna de um “homem”.

Em objeção a esse dizer tem-se o seguinte: “Vai continuar sendo um moleque, pois homem de verdade não oprime nem limita mulher nenhuma, são todas livres pra fazer o que acham melhor com os próprios corpos”.

Aqui precisa-se primeiramente ver a representação feita do “homem de verdade”. O que é um homem de verdade para a sociedade patriarcal? Segundo esse internauta é um homem que não oprime mulheres. Porém pressupõe-se que para a página, que é denominada Orgulho de ser hétero, a representação de homem é a de homem másculo, que não chora. Assim conclui-se que o que ditará o processo imaginário ou de representação será a forma como o sujeito é interpelado a ocupar sua posição.

O contradiscurso do excerto baseia-se na ideologia feminista de que a mulher é livre e não pode ser limitada por nenhum homem. Consoante Chauí os movimentos feministas lutam contra o poder patriarcal porque este as discrimina de forma econômica, social, política e culturalmente.

O movimento feminista é uma ideologia que trabalha com o processo de criatividade, pois rompe o processo de produção de linguagem, desloca as regras e faz intervir o diferente.

6. VISÕES CONCLUSIVAS

O objetivo deste trabalho foi levantar questionamentos acerca da representação da mulher, principalmente a mulher feminista, dentro da sociedade vigente patriarcal.

Com as bases teóricas aqui expostas, o estudo e levantamento de informações acerca do patriarcado e das novas ideologias, pode-se articular algumas considerações.

Com a análise dos dados foi possível evidenciar a premissa proposta pelo trabalho de que a ideologia patriarcal ainda é maciça em nossa sociedade. Os excertos apresentados retirados da página *Orgulho de ser Hétero* denotam como o machismo é ainda muito presente na atualidade. Assim levantar o debate a respeito desses temas traz a luz questões que precisam ser repensadas e rompidas.

O objetivo do trabalho foi alcançado visto que foram explorados e discutidos quais efeitos de sentido sustentavam o discurso machista e a sociedade patriarcal visto que as conclusões obtidas foram que o que ainda sustenta os efeitos de sentido no imaginário machista não é algo específico, mas sim um apanhado de ações, tais como: a naturalização do comportamento feminino, por conseguinte as mulheres são associadas com a natureza, o coração e as emoções, enquanto os homens são associados com a cultura, a cabeça e a racionalidade. A confecção de mulher perfeita e inatingível que os canais midiáticos fazem, e a exclusão da identidade feminina na formação binária de identidade.

Algumas respostas não puderam ser dadas por motivo de tempo e de não ser o foco do trabalho, porém constata-se que elas podem gerar novas pesquisas e discussões para a área de humanas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)** – Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. – Rio de Janeiro: Edições Geral, 1985, 2ª edição.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BUARQUE, Cristina. **O QUE É GÊNERO? "Caderno de textos gênero e trabalho"** / Iole Macedo Vanin e Terezinha Gonçalves (Organizadoras). - Salvador: REDOR, 2006.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia / Marilena Chauí**. – 2. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1980. – (Coleção primeiros passos; 13).

DWORKIN, Andrea. **Our blood: prophecies and discourses on sexual politics**. New York: Harper & Row, 1976.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber** – Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. -Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2009. 19ª ed.

GERASSI, John. **Entrevista concedida por Simone de Beauvoir**. EUA. Languages at Southampton University, 1976. Disponível em <http://www.wagnercampelo.com/simonedebeauvoir/artigos_p02.htm> Acessado dia 20 de maio de 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas [v.2]: do feminismo ao multiculturalismo**. São Paulo: Ática, 2010.

HOOKS, B. **Feminism Is for Everybody: Passionate Politics**. MA: South End Press, 2000.

LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy**. Nova York: Oxford University Press, 1986. Disponível em: <<https://catsfordestroypatriarchy.wordpress.com/2014/10/24/traducao-introducao-do-livro-a-criacao-do-patriarcado-gerda-lerner/>> Acessado dia 25 de maio de 2015.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. The Crossing Press, 1984.

MIGNOLA, Madison. **Girl Hate: What It Is and How to Stop It**, 2014. Disponível em < <http://verdemaqazine.com/girl-hate-what-it-is-and-how-to-stop-it>>. Acessado dia 14 de junho de 2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NEVES, José Luis. **CADERNO DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO, SÃO PAULO**, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos** – Eni P. Orlandi – Campinas. SP. Pontes, 6º edição, 2007.

PUETTER, Rafael. Entrevista concedida por Laerte. **Talk Show do Rafucko: Laerte**. 2014. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=sFonTVmF3ts>>. Acessado dia 14 de novembro de 2014.

RIBEIRO, Djamila. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**, 2014. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio->

feminista/feminismo-academico-9622.html>. Acessado dia 18 de fevereiro de 2015.

ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate. **Radical Feminism: History, Politics, Action. In: Radically Speaking: Feminism Reclaimed.** North Melbourne, Victoria: Spinifex Press, 1997. p. 9-17. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/2013/07/25/traducao-feminismo-radical-historia-politica-acao-parte/>. Acessado dia 01 de junho de 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do Macho.** São Paulo: Moderna, 2001.

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 133 págs.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero – Heterossexualidade Compulsória e a Existência Lesbiana,** 1992. Disponível em <https://antipatriarchy.wordpress.com/2010/03/08/o-pensamento-hetero-e-a-existencia-lesbiana/>. Acessado dia 26 de maio de 2015.

WOODWARD, Kathryn. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.